

Arco do Commercio — Desenho original de Nogueira da Silva

Depois do pavilhão levantado no Terreiro do Paço pela municipalidade de Lisboa, o mais notavel monumento com que na capital se solemnisou a entrada de S. M. a princeza real de Saboya, foi o arco triumphal que o corpo do commercio mandou erigir no largo do Corpo Santo, sitio por onde passava o cortejo nupcial.

Fôra esta obra commettida aos insignes artistas italianos Rambois e Cinatti, e ao talentoso estatuario portuguez Victor Basto, que a executaram com geral applauso.

Este monumento foi levantado no meio da praça formando um parallelogrammo de 10,^{m}4 por 8,^{m}. Nos lados maiores estão as aberturas de dois arcos de 6,^{m} de largo sobre o eixo da rua principal; e nos lados menores as de outros dois arcos de 8,^{m}2 de largura sobre o eixo transversal. A elevação dos arcos maiores é de 9,^{m}6; a dos menores de 5,^{m}8. Os angulos são formados por 4 pilastras de 1,^{m}6 por 1,^{m}2, decorados com emblemas do commercio e da navegação. Sobre as empostas dos arcos grandes assenta o entablamento composto de architrave, friso e cornija; o friso é decorado de folhas de palma, e a cornija entalhada. Nos espaços entre as empostas dos arcos e as pilastras ha umas coroas de relevo. Sobre o attico estão gravadas em letras de oiro relevadas as seguintes inscripções:

Dos lados do Arsenal e caes do Sodré:

O COMMERCIO DE LISBOA.

Do lado do mar:

OUTUBRO 31 DE 1838.

Do lado de terra:

OUTUBRO 16 DE 1847.

Remontando o attico, nas frentes maiores, estão unidas as armas de Portugal e Italia, com mimosas decorações. Nos quatro angulos, sobre grupos de ornato e coroas, tendo no centro as letras L. M., sobem 4 mastros com bandeiras portuguezas e italianas. O tecto interior fórma uma abobada de caixotões, com frisos e florões doirados. Nas oito frentes das pilastras ha outras tantas estatuas, modeladas pelo sr. Victor Basto, mui graciosas e artisticas, representando genios em acção de impor as coroas que tem nas mãos.

Todo este arco triumphal é pintado de branco, figurando marmore, e todos os frisos e ornatos são de oiro. Tem de altura 16 metros. Ouvimos que importára em cinco contos de réis.

Á noite suspendia-se-lhe ao centro da abobada um sol illuminado a gaz, que irradiava uma claridade quasi solar.

O HOMEM QUE PERDE A MEMORIA

(TRADUCÇÃO DE R. PAGANINO)

(Conclusão. Vid. pag. 245)

III

Durer foi subindo em dignidades cada vez mais. O imperador, depois de o ter nomeado seu primeiro ministro, casou-o com uma herdeira rica. Por esse mesmo tempo o velho pastor e sua mulher morreram. Toda a aldeia os acompanhou silenciosa á sua ultima morada. Um homem baixinho, cujos cabellos tinham encanecido de todo, seguia o feretro de cabeça descoberta. Quando o sacerdote terminou as suas orações, e que a primeira pá de terra caíu em cima do caixão, resoando tão tristemente, o velho murmurou:

— Ha filhos maus, que se esquecem, na prosperidade, dos paes que os amaram. Que esses filhos sejam malditos, porque não hão de entrar nunca no reino dos ceos.

Ajoelhou em seguida á beira da cova e resou.

O velho, que assim fallava, era o bom conselheiro Werter. Este homem, desgostoso do mundo, recolhêra-se á obscuridade, depois de ter distribuido pelos pobres o superfluo da sua immensa fortuna. Era alegre, activo, gozava de uma saude de ferro, e dava graças aos ceos por não ter tido filhos, sempre que se lembrava da perversidade de João Durer.

D'ahi a tempos levantou-se uma casa de campo magnifica no logar da cabana do velho pastor. A meio do verão, um gentil fidalgo, uma castellã formosa e duas loirinhas crianças entravam jubilosas na aldeia de Harlem, acompanhados pelos camponezes que tinham vindo ao seu encontro.

O gentil fidalgo era João Durer, primeiro ministro de sua magestade o imperador d'Allemanha.

O conselheiro soffreu um desastre que o ia arruinando de todo, e se lhe não valêsse uma irmã que o estimava, o pobre velho seria o mais desgraçado possivel. E entretanto uma só palavra de Durer podia fazer com que o seu antigo bemfeitor fosse de novo chamado á corte, e de novo entrasse no agrado real, e, em summa, que lhe fosse restituida a fortuna. Porém a vaidade não tem coração; e o orgulho ferido não perdôa nunca.

IV

Lembrou-se um dia o novo fidalgo de ir visitar aquelles logares, onde, n'outros tempos, tanto lhe aprazia scismar. Sem testimunhas, porém, é que elle quiz tornar a ver aquelles velhos amigos, que lhe iam involuntariamente recordar a sua indigencia de outr'ora. Partiu sem levar companhia, e montado n'um cavallo magnifico. Depois de ter vagueado muito tempo, sem commoção, sem admiração mesmo, por encontrar tanta coisa ainda de pé depois de vinte annos de ausencia, chegou pelo declinar do dia ao *Valle das çarças*. Cantava tambem a cotovia, como n'outros tempos.

Ao ver um pilriteiro, que lhe avivava de certo uma recordação penosa, ou que lhe dispertava remorsos na alma, deu de esporas ao cavallo e quiz seguir por diante. O animal dilatou as ventas, estacou as pernas e não quiz andar. Chegou-lhe novamente as esporas, e o animal recuou levantando-se ao ar.

— Estará por ahi algum reptil, disse comsigo o elegante cavalheiro?

De repente um velhinho, envolto em manto negro, saíu das çarças, e saltou para o meio do caminho, cruzou os braços no peito, e exclamou surdamente:

— Senhor Durer, que distancia vae da cabana dos pastores ao palacio dos reis?

— A que vae da terra ao sol — respondeu o orgulhoso favorito.

O velho então, deixou caír o manto e mostrou-se ao ministro, como se tinha mostrado, havia vinte annos, ao estudante João Durer. Coisa nenhuma tinha mudado na pessoa do bom conselheiro, a não serem os cabellos, que n'outro tempo eram pretos e que estavam agora brancos de neve.

A esta vista a physionomia, habitualmente pallida de João Durer, tornou-se escarlate. Era a terceira vez que em presença do seu digno protector sentia subir-lhe a vermelhidão ás faces. O velho bradou-lhe de novo:

— O estudante de Harlem lembra-se do conselheiro Werther?

— O ministro esqueceu-se do estudante, respondeu este com altivez.

— De que se lembra então o ministro? — perguntou-lhe o velho.

— De coisa nenhuma, respondeu o fidalgo de moderna data, lavrando ás esporadas a barriga do cavallo e devorando a estrada.

Effectivamente, João Durer, o primeiro ministro, acabava de perder a memoria, á voz do bom conselheiro, que o seu orgulho não quizera reconhecer; e por um reviramento inexplicavel da natureza humana, este homem conservava os desejos desesperados, que tivera aos vinte annos. O passado sumia-se-lhe da lembrança. O inferno começava para o desgraçado.

V

Só o instincto do cavallo fez com que o ministro voltasse para o palacio. A primeira pessoa que encontrou foi a baroneza, sua esposa. Desviou-se d'ella.

— Onde vae assim correndo, senhor barão, disse-lhe ella vendo que seu esposo lhe fugia, coisa bem estranha, porque elle amava sua mulher.

— Barão, exclamou elle, chamam-me barão, barão! Não sou barão, minha senhora; mas hei de vir a sel-o com o tempo. Esperemos sempre.

Tinham uma tal accentuação aquellas palavras, que a baroneza ficou cheia de susto. O barão saiu do castello e entrou a correr quanto podia. Mas não tardou muito que não enfraquecesse na carreira. Pendia-lhe a cabeça para o chão, e procurava como um avarento a quem tivessem roubado um thesouro. Desde então começou a apresentar na physionomia um aspecto sombrio, a côr tornou-se-lhe livida, e queixava-se amargamente por o ceo lhe ter dado trajos de pastor.

Dias depois, um emissario do imperador chegou ao palacio do ministro.

— Senhor ministro, disse elle dirigindo-se ao barão.

— Não sou ministro, respondeu-lhe Durer com arrebatamento, mas fique descançado que hei de che-

gar a sel-o um dia. Em seguida passeava a passos largos nas galerias do castello, acrescentando:

— Já o era mesmo a estas horas, se não deixassem os homens de intelligencia forte, de aptidão e de boa vontade, na miseria, que corroe a cabeça, como a ferrugem corroe o ferro. Porque ha de ser que afastam das altas funcções os homens que não tem fortuna, e isto por um preconceito tão nocivo para o individuo, como funesto para o estado?

Depois, voltando-se para o enviado:

— Diga ao senhor, que eu hontem ainda era... era... era... O barão passou a mão pela fronte, como para ver se achava a recordação de esplendores, que por momentos o haviam deslumbrado, ou que então lhe estavam apparecendo. Em seguida deitou a fugir exclamando:

— Ministro!... sou ministro, sou... não, já fui... não fui; mas hei de o ser, em pouco tempo. Deixe-me, senhor, deixe-me.

Sua familia vivia na maior desconsolação. Outra vez descobriram-no, dizendo ao jardineiro:

— Estás fazendo, meu rapaz, um trabalho magnifico. Isso sim, isso é que é um jardim bem desenhado. Depois, passando a vista desordenada pelo palacio, accrescentou:

— Esta propriedade é rica, elegante, bem situada; a quem pertencerá esta propriedade?

— O senhor barão bem sabe que este parque, estes jardins e este castello lhe pertencem — respondeu o jardineiro encostando-se um instante á sachola, e tirando o chapeo.

Durer entrou a sorrir-se com um sorriso cheio de tristeza.

— A mim, disse elle, ainda não, meu rapaz. Entretanto parece-me que tinha... que tinha... — Passou de novo a mão pela fronte, como para ver se podia seguir uma idéa que lhe fugia. Depois murmurou:

— Sempre esta cabana de pastores! sempre! sempre!...

Deixou-se caír n'um banco de relva com um soluço a rebentar-lhe no peito. Levantando d'ahi a pouco a cabeça, viu duas criancinhas loiras, que andavam brincando nas ruas do parque.

— Que formosas crianças, suspirou elle, como deve ser feliz o pae d'estes anjinhos!

As crianças vieram lançar-se nos braços do ministro, e entraram a fazer-lhe mil caricias. Durer correspondeu-lhes tomando-lhes as delicadas mãosinhas entre as suas, e passando os dedos emmagrecidos pelos anneis de seus cabellos doirados. E como as criancinhas lhe chamassem pae:

— Que dizem ellas? — murmurou o barão. A felicidade de ter quem me chame pae será porventura para mim? A familia deve ser o mais elevado florão da coroa da existencia; mas é necessario que venha após a fortuna, ou com ella. Ter umas criancinhas á roda de si, risonhas e loiras, fructos e flores, como estas, seria adormecer na tarde da vida n'um leito de rosas e de verdura.

E dirigindo para as crianças um olhar que brilhava e esmorecia alternativamente, murmurou:

— Estas crianças!... Estas crianças!... Estas crianças!...

A sequencia d'este pensamento morreu-lhe no coração. Mais uma vez ainda passou a mão pela fronte, e as crianças divisaram uma lagrima suspensa nas palpebras do ministro.

Em pouco tempo chegou a não conhecer sua mulher, que estava chamando a todo o momento; engolphava-se em leituras interminaveis, porém sem fructo; só lhe restava a memoria do desejo, faltava-lhe a memoria do trabalho. Estudava com um ardor extraordinario. O ardor foi-se tornando raiva. A febre entrou com elle. Os desejos erguiam-se de dia e de noite ante elle, como fantasmas zombeteiros que se encarniçavam em perseguil-o, e que elle se encarniçava para perseguir, mas que se lhe escapavam escarnecendo-o. N'esta lucta sem resultado ia finando-se a olhos vistos. Aproximava-se-lhe a hora da morte. No ultimo dia da doença teve uma allucinação extraordinaria. Deitou a correr para fóra do palacio pelos campos, gritando como se fosse perseguido por um fantasma, que só elle podia ver.

— Senhor! Arrancae-me da obscuridade dos pastores; ouvi-me, Senhor, sou João Durer, estudei tudo, aprendi tudo, profundei tudo. Elevae-me, Senhor, ha de chegar um dia em que não tereis servidor mais dedicado nem mais esclarecido do que o pobre João Durer.

A sombra fugia, fugia. Durer corria sempre estendendo os braços para a sombra fugidiça. Na sua carreira insensata foi parar ao *Valle das çarças*. Ahi uma voz se levantou, que lhe disse:

— João Durer, estudante de Harlem, sua magestade o imperador não gosta das pessoas a quem falta a memoria.

A esta voz teve o ministro um vislumbre de reminiscencia, pelo qual viu, como de relampago, o seu passado e o seu presente irem de encontro um ao outro. Soltou um grito de condemnado e caíu morto.

VI

Trez mezes mais tarde, quando os orphãosinhos iam com sua mãe visitar o pobre cemiterio de Harlem, viram um velhinho, que com um carvão traçava rapidamente caracteres estranhos na lousa sob a qual descançava seu pae. Quando estiveram mais proximos do monumento funebre, o velho mostrou-lhes a inscripção com um gesto terrivel. Tinha escripto no marmore tumular de *João Durer, antigo ministro de sua magestade o imperador da Allemanha:*

DEUS CASTIGA OS INGRATOS!

DEFESA MARITIMA DE LISBOA

(Conclusão. Vid. pag. 233)

Filippe II de Hespanha, inquietado logo depois da conquista de Portugal pelas esquadras de Inglaterra, que vieram effeituar um desembarque de tropas em auxilio de D. Antonio, prior do Crato, tratou de pôr em estado de boa defesa o porto de Lisboa.

Para este fim não só mandou continuar e melhorar as fortalezas começadas na foz do Tejo pelos tres ultimos soberanos portuguezes, ordenou tambem que se fizessem outras fortificações nas margens do rio, de modo que a cidade ficasse a coberto de um golpe de mão intentado por qualquer armada inimiga.

Mallogrando-se, porém, em breve espaço de tempo, umas após outras, todas as tentativas do prior do Crato, Filippe II não pensou mais em novas obras de defesa. Nas fortalezas da barra ainda proseguiram alguns trabalhos, mas tudo o mais que se projectava fazer nas margens do Tejo não passou de planos.

Filippe III e Filippe IV de Castella, tomando por empreza obrigada da sua politica desarmar Portugal e quebrantar por todos os modos o animo dos portuguezes, não se occuparam, por conseguinte, de obra alguma que podesse defender-nos contra os nossos inimigos. Folgavam, pelo contrario, de nos ver expostos aos accommettimentos das potencias com quem estavam em guerra, e regozijavam-se com os nossos revezes.

Como o odio dos portuguezes contra a oppressão de Castella, crescendo de dia para dia, ameaçava despe-

daçar tão insupportavel jugo, os oppressores punham o seu maior empenho em os inhabilitar para a defesa da patria, ao levantarem o grito da sua independencia.

E com effeito, quando esse brado patriotico soou em Lisboa no memoravel dia 1.º de dezembro de 1640, achava-se Portugal em tal estado de enfraquecimento, com os cofres publicos completamente exhaustos, os arsenaes vasios, as praças de guerra desguarnecidas, o exercito parte fóra do paiz, parte desorganisado, e a marinha anniquilada, que a muitos bons patriotas se afigurou impossivel a resistencia contra o poder de Hespanha.

Realisou-se, todavia, a resistencia e o triumpho, que ao principio pareceram impossiveis. Foi um verdadeiro milagre que se operou, e que se ha de operar todas as vezes que qualquer nação escravisada, unindo-se n'um interesse commum, se resolva a combater e a sacrificar-se pela sua liberdade.

Assim, pois, um dos primeiros cuidados del-rei D. João IV, subindo ao throno, foi proteger Lisboa, como cabeça e coração do reino, contra as poderosas esquadras de Castella.

Já dissemos os augmentos que mandou fazer na torre do Bugio, e dos que emprehendeu na torre de S. Julião fallaremos brevemente, acompanhando essas succintas noticias com a gravura que ha de mostrar a dita fortaleza.

Ao mesmo tempo que se faziam taes obras, guarneciam-se as duas margens do Tejo, desde a barra até Alcantara, com uma serie de fortes, que, cruzando o fogo dos seus canhões em diversos sentidos, tornavam, se não impraticavel, mui difficil e perigosa a entrada forçada do porto de Lisboa.

Correndo o anno de 1650, e achando-se cada vez mais accesa a guerra com a Hespanha, julgou-se indispensavel fortificar pelo lado de terra a cidade de Lisboa, que, em seu continuado crescer, se havia estendido muito por fóra dos muros com que a cingíra el-rei D. Fernando I.

Foram encarregados de levantarem a planta e dirigirem todas as obras de fortificação os engenheiros mr. Legart, francez, João Gilot, hollandez, e João Cosmander, jesuita, natural de Bruxellas. A superintendencia geral da obra foi confiada a D. Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquez de Marialva.

Principiaram os trabalhos pelo forte de Alcantara, chamado do *Sacramento*. D'aqui corria a linha em direitura á ermida de Nossa Senhora dos Prazeres; seguia pelo arco do Carvalhão até Campolide, d'onde continuava rodeando a cidade, até rematar no *forte da Cruz da Pedra*. Devia haver em toda a linha trinta e dois fortes com muralhas de cantaria.

Apesar da actividade com que se trabalhava n'esta obra, estava ainda muito atrasada, quando falleceu D. João IV, em 6 de novembro de 1656.

Seu filho e successor, el-rei D. Affonso VI, fez proseguir nos trabalhos com egual fervor. Chegando porém a Lisboa o marechal de Schomberg, chamado para dar nova organisação ao exercito portuguez, e para tomar parte na lucta com os nossos encarniçados inimigos, este general reprovou inteiramente aquelle plano de defesa, pela razão de não serem sufficientes todas as tropas e artilheria de que se podia dispor para guarnecer tão extensa linha.

Esta razão já tinha sido apresentada a el-rei D. João IV, e posto que não foi seguida, o engenheiro João Gilot chegou a traçar e offerecer a este soberano um plano de nova cerca, que, devendo principiar, onde depois se edificou o convento, hoje quartel, de S. João de Deus, e partindo d'ahi direita ao convento da Estrella, ao presente hospital militar, d'este ao collegio dos jesuitas, agora eschola polytechnica, e d'aqui á ermida de Nossa Senhora do Monte, viria terminar muito para cá do convento de Santa Apollonia.

Prevalecendo, portanto, a opinião do marechal Schomberg, mandou-se parar com os trabalhos da linha. Dos fortes, que deviam guarnecel-a para o interior, nenhum se acabou, mas alguns já iam bastantemente adiantados, e d'elles restam de pé varios lanços de muralhas com mais ou menos ruina, mas que deixam ajuizar da grandeza da obra.

Os unicos baluartes que se concluiram e que formavam as chaves da linha, foram os d'Alcantara e da Cruz da Pedra, os quaes por sua posição sobre o Tejo ficaram servindo para defesa maritima da cidade. Porém estes proprios vieram com o decurso do tempo a mudar de fórma e de destino. Damnificou-os muito o terremoto de 1755, posteriormente o primeiro foi desarmado, e o segundo convertido em armazens do estado, e hoje da companhia dos caminhos de ferro de léste.

E pois que fallámos no forte d'Alcantara, julgâmos dever consignar aqui uma memoria, que lhe diz respeito, e que, sendo interessante para a historia portugueza, é sem duvida pouco sabida.

Foi fundado aquelle forte em uma quinta do acima referido marquez de Marialva. E essa quinta foi a residencia effectiva d'este fidalgo desde o anno de 1635 em que se casou com D. Catharina Coutinho, herdeira de uma grande casa, até á gloriosa acclamação de D. João IV em 1640.

Não ha talvez entre nós quem não conheça o nome illustre de D. Antonio Luiz de Menezes, primeiro marquez de Marialva, o heroe das Linhas d'Elvas, e de Montes Claros. Mas o que nem todos sabem é que este patriota tramou uma conspiração contra o dominio de Castella no anno de 1638, e que o logar onde os conjurados se reuniam para discutirem o assumpto, era debaixo de uma arvore no fundo da quinta, e quasi sobranceira ao Tejo.

Mallogrou-se a tentativa por circunstancias imprevistas; mas a arvore, que abrigou com a sua sombra aquelles peitos incendidos d'amor da patria, lá se ergue ainda, carregada de annos e de recordações: lá avulta sobre a muralha do velho baluarte, como sentinella que vigia pela liberdade da cidade.

Abandonada aquella linha de defesa terrestre, e não se resolvendo a construcção de outra menos extensa, o marechal de Schomberg chamou a attenção do governo para a defesa maritima de Lisboa. Procedeu-se então a novas fortificações não só nas margens do Tejo, mas tambem na costa visinha, a fim de ligar a praça de Cascaes com a torre de S. Julião da Barra por meio de uma trincheira geral, e de varios fortes. Trabalhou-se n'estas fortificações no restante do reinado de D. Affonso VI, e no de seu irmão, el-rei D. Pedro II.

Os fortes construidos nas mencionadas epochas entre a praça de Cascaes e a torre de S. Julião são os seguintes: *dos Innocentes, de S. Roque, de Santo Antonio, da Cruz de Santo Antonio, de S. Theodosio, de S. João, fortaleza de Santo Antonio, e forte de S. Domingos de Rana.*

Na margem do norte do Tejo, começando da torre de S. Julião, edificaram-se os que seguem: *de Santo Amaro, de S. João das Maias, de S. Pedro d'Arcos, de Nossa Senhora de Porto Salvo, de S. Bruno, de Nossa Senhora do Valle, de S. Francisco da Boa Viagem, de Nossa Senhora da Boa Viagem, da Cruz Quebrada, de S. José de Ribamar, de Nossa Senhora da Conceição de Pedroiços;* depois seguia-se a torre de S. Vicente de Belem, e em seguida os fortes *da Estrella, de S. João da Junqueira, do Sacramento*, em Alcantara, *de S. João de Deus, de S. Paulo, dos Romulares, de S. João*, no Terreiro do Paço, *da Ribeira, de Santa Apollonia, da Cruz da Pedra*, e *de S. Francisco de Xabregas.*

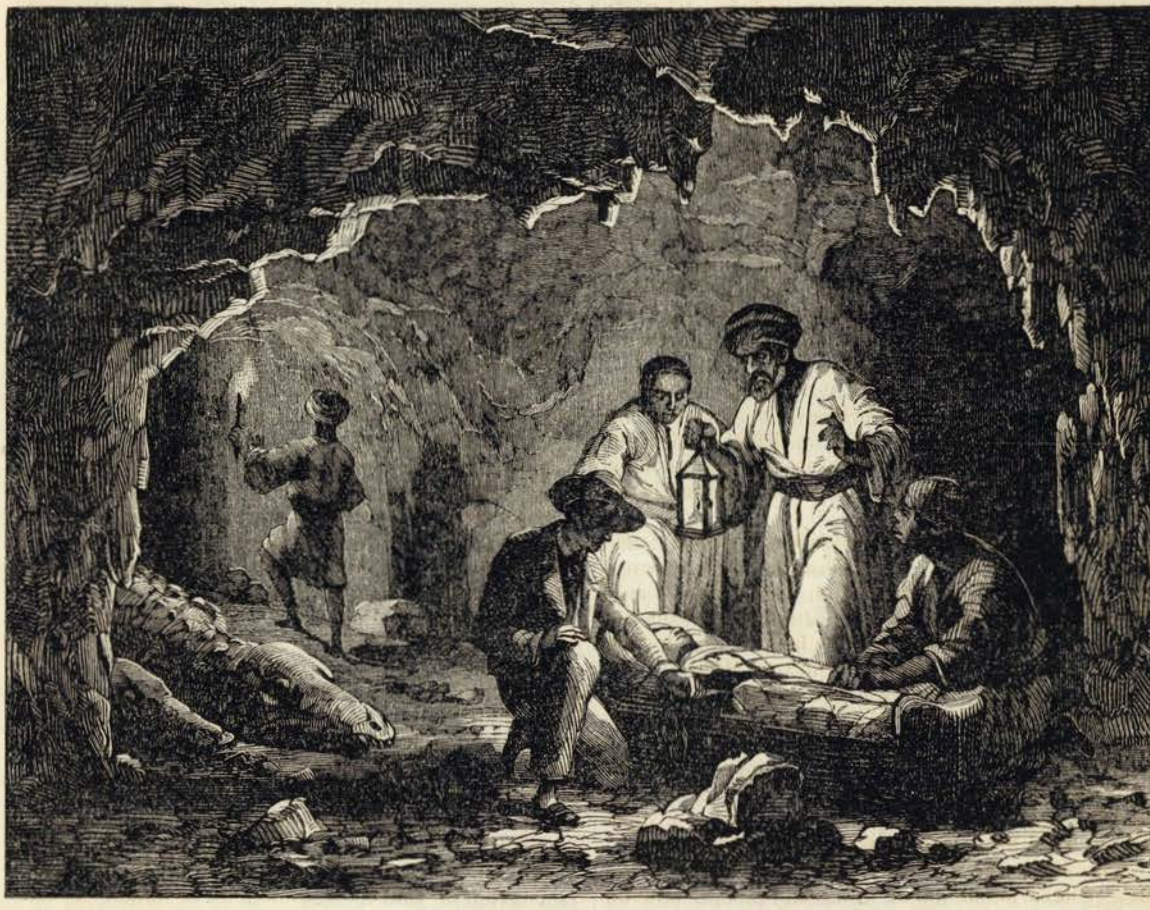
D'estes fortes acham-se alguns, poucos, em ruinas, ou com diverso destino; outros desappareceram pelo

terremoto de 1755 e pela reedificação da cidade, taes como o dos Romulares, do Terreiro do Paço, da Ribeira, etc. Porém a maior parte conservam-se, ainda que desarmados, mas com sua guarnição, ou simplesmente guarda do corpo de veteranos.

Na margem do sul, entre a torre de S. Lourenço, ou do Bugio, e o pontal de Cacilhas, fundaram-se, pelo mesmo tempo, os fortes *da Trafaria*, ao qual se segue a Torre Velha, o *da Fonte da Pipa*, o *de Arialva* e o *de Cacilhas*, dos quaes restam o primeiro e o ultimo.

Nos reinados de D. João v e de D. José i não se fizeram novas fortificações no porto de Lisboa; pelo menos não nos lembrâmos de ter encontrado noticia alguma a este respeito. Repararam-se, todavia, as antigas, e algumas se melhoraram por occasião de desintelligencias que houve com a Hespanha. Outro tanto se fez reinando D. Maria i, quando os nossos visinhos, em alliança com a França, romperam em guerra contra Portugal, primeiramente em 1801, e depois em 1807. N'este periodo construiu-se a bateria contigua á torre de S. Vicente de Belem.

Em 1833 o governo intruso de Lisboa levantou novos fortes na praça do Commercio e em outras localidades, para obstar ás tentativas da esquadra da senhora D. Maria ii; mas logo que esta soberana foi acclamada na capital no dia 24 de julho d'aquelle anno, foram desfeitos esses fortes. Mas, ficando ainda ateada a guerra da liberdade e do throno legitimo, fez-se uma nova linha de fortificações em volta da cidade, que, principiando no baluarte do Sacramento, em Alcantara, terminava no forte da Cruz da Pedra,



Grutas de Samun ou dos Crocodilos

proximo do convento das freiras da Madre de Deus. Ambos estes fortes da cerca de D. João iv foram novamente reparados e artilhados, e com os mais da linha geral de defesa, protegeram a capital contra o poderoso exercito que a sitiou e combateu desde os fins de agosto até dez de outubro de 1833.

Não mencionâmos os castellos de S. Jorge e de Almada, porque a sua acção é ineficaz para a defesa do porto, embora fossem considerados outr'ora como fazendo parte d'ella.

Os fortes construidos do meiado do seculo xvii para cá ao longo da costa, desde a praça de Cascaes até á de Peniche, e desde a torre do Bugio até á torre do Outão, na barra de Setubal, póde-se dizer que pertencem á defesa maritima de Lisboa. Comtudo o nosso proposito n'estas breves noticias foi tratar propriamente do systema de defesa do seu porto. Terminando este artigo, acrescentaremos que a entrada n'elle é indicada aos navegantes, durante a noite, por quatro pharoes, dois nos cabos da Roca e do Espichel, e os outros nas torres de S. Julião e de S. Lourenço da Barra. Este ultimo é de rotação, com eclipses regulares, e a luz de côr natural. O da torre de S. Julião é de luz fixa, e tambem de côr natural.

I. de Vilhena Barbosa.

GRUTAS DE SAMUN OU DOS CROCODILOS

De todas as necrópoles e catacumbas que os egypcios tinham destinado para jazigo dos corpos mumificados, não ha nenhuma tão pavorosa como as quasi

inaccessiveis grutas que ficam sob a chapada da cordilheira que se ergue a oeste da cidade de Siut, a antiga Lycopolis, hoje capital do alto Egypto, na margem occidental do Nilo.

Estas grutas são abertas na rocha, mui fundas, e todas revestidas de hieroglyphicos.

Poucos tem sido os antiquarios e viajantes curiosos que hajam ousado penetrar n'esses perigosos antros, porque alguns lá tem perdido a vida. O ultimo foi M. A. Georges, no anno de 1860, que d'esta excursão publicou uma interessante memoria, com differentes gravuras, uma das quaes é a que hoje reproduzimos.

Eis como elle refere o que por lá viu.

«Acompanhado por um guia arabe, que levava uma lanterna, e por um marinheiro do meu navio com uma vela, entrei na gruta. A principio desci com facilidade, mas depois tive de caminhar de gatas sobre um chão de areia muito fina. O movimento das mãos e dos pés de nós tres, começou a levantar um pó tão subtil, que se não podia respirar senão com muita difficuldade. Andei assim de rojo uns dez metros; o sangue tinha-me subido á cabeça por ir n'aquella posição, e suffocado com o pó e o cheiro de asphalto. Parei com intento de voltar para traz. Mas com a esperança de achar mais largueza para diante, e incitado pela curiosidade, continuei a arrastar-me, até que passado muito tempo, ao chão de areia seguiu-se outro peior, porque era de pedras transversaes e asperas. Tentei pôr-me em pé, muito curvado, mas a gruta era tão tortuosa, tão irregular, que ora apertava ora alargava, umas vezes alteava, outras abatia, tomando a fórma de estalactites horisontaes, e perpendiculares como piques que ameaçavam romper-me a cabeça e o peito. Quando podia endireitar-me n'algum espaço mais alto, sentia o mesmo prazer do que encontra um oásis no meio do deserto. Finalmente cheguei a um recinto amplo e extenso, mas cheio de grandes pedras soltas que difficultavam a passagem. Para a esquerda continúa a gruta; a abobada e as paredes são negras e como rebocadas, pelos vapores betuminosos, de uma camada espessa e viscosa que cede á pressão dos dedos. Lembra a côr e consistencia do assucar ordinario do alto Egypto, chamado assucar vermelho. Aqui podia-se andar em pé; mas uma nuvem de morcegos, attraidos pelas luzes, se despegou da abobada fazendo um zumbido estrondoso com as azas, e batendo-nos com ellas pelos cabellos, pela cara e pelas mãos: um cheiro ascoroso e insupportavel augmentou o nojo de tal apparição. Quando a passagem se estreitava, estes immundos volateis caíam sobre nós a ponto de nos fazerem recuar.

Começa-se d'aqui a andar sobre camadas de segmentos das faixas ou tiras com que os egypcios costumam enfeiar as mumias; este solo funebre cede debaixo dos pés como a turfa; quando me abaixava para pegar n'algum d'esses restos de mortalhas, levantava-se um pó escuro, acre e nauseabundo, deixando na garganta um sabor amargo como o áloes. O que mais admira é a enorme quantidade de crocodilos de todos os tamanhos; uns negros, outros esverdiados; uns grandissimos, outros pequenos como largatos. Sobre a primeira camada vi muitos fardos atados com fios de palmeira: eram feixes de mumias de crocodilos todas ligadas por faixas ou tiras com muitos hieroglyphicos. Peguei n'uma d'estas mumias, e sentindo chocalhar no ventre enorme de um crocodilo o que quer que fosse, quiz romper-lh'o com o punhal do meu guia, mas não foi possivel; tão endurecida estava a pelle!

A principio julguei que esta gruta era reservada para os crocodilos embalsamados; mas bem depressa vi innumeraveis mumias de toda a casta; mumias humanas, inteiras, decapitadas, mutiladas e aos pedaços; mumias de quadrupedes, de aves, reptis e ovos, tudo isto misturado, mas posto em fieiras e ás camadas divididas com folhas de palmeira.

As mumias humanas, cuidadosamente ligadas por faixas, estão muitas vezes apertadas entre duas pranchas de sycomoro, madeira incorruptivel como o cedro.

Pelo que observei, convenci-me de que a embalsamação tão afamada dos egypcios não preservava inteiramente os corpos da invasão dos vermes. Vi muitos crocodilos carcomidos como um pau carunchoso: e alguns d'esses vermes ôcos, só com a pelle resequida, em fim, tambem mumificados. Como o processo de embalsamar é o mesmo para todos os seres, póde-se concluir que os vermes se alimentam das mumias humanas.

Tinha algum tanto de fantastico ver tres vivos sobre um grande acervo de cadaveres allumiados pela luz da lanterna e das velas! Por muitas vezes tremi quando o meu guia se abaixava para virar as mumias, temendo que roçasse a luz pelas folhas de palmeira, tão resequidas, ou pelas faixas impregnadas de betume, que se podiam inflammar n'um instante. Já uma vez alli pegou fogo, que lavrou por toda a gruta, e dizem que durou tres annos.

Depois de ter revolvido todos estes restos mortaes, o pó, cada vez mais espesso, penetrava-me como um caustico pelos olhos, pelo nariz, pela boca, e, para assim dizer, por todos os poros. O calor era já difficil de supportar. Tratei de sair, o que consegui mais breve do que suppunha, graças á pericia do meu guia, que tinha bem marcados os sitios por onde deviamos caminhar. Uma hora durou esta excursão subterranea. Quando apparecemos á luz do dia, reparámos que todos vinhamos tão enfarruscados como uns limpa-chaminés.

Agora direi, que tão longos subterraneos, destinados para jazigo de tão grande numero de mumias, devia ter tido um accesso mais facil, e a entrada primitiva das grutas deveu ser para a parte do Nilo. Tambem é provavel que fossem precedidas de algum atrio para as ceremonias funeraes, e d'alli partissem os corredores em varias direcções.

D'onde viriam porém tantos mortos? Provavelmente da antiga cidade que hoje substitue Monfalut, e da grande Hermopolis, ambas situadas na margem esquerda do Nilo. Enterrar-se-hiam n'aquellas excavações pessoas de todas as castas? Mas os sacerdotes e nobres do Egypto gostavam da grandeza até para depois da morte; queriam dormir o ultimo somno em sepulchros espaçosos, ornados de baixos relêvos e pinturas representando o que mais tinham prezado durante a vida. Entretanto suppõe-se que as grutas de Samun serviam de valla commum da plebe. As doiraduras que vi nos pés e mãos de muitas mumias tornam esta supposição duvidosa, pelo menos.»

PRIMEIRA EMBAIXADA DO JAPÃO Á EUROPA

I

Ha duzentos setenta e oito annos arfava nas aguas do Tejo, entre os alterosos galeões da Asia, da America e da Africa, uma nau que entrára pela foz do rio acima, e viera surgir defronte dos paços da Ribeira no dia 10 de agosto, trazendo a mais rara e estranha embaixada que nunca até então víra o Occidente. A fama de tão novo acontecimento, a estranheza dos recemchegados embaixadores, os seus costumes, os seus trajos, as suas maneiras, bem depressa encheram de pasmo toda essa velha Europa, levando-a a engrandecer, maù grado seu, o nome e a piedade dos portuguezes.

Ainda então Portugal, com ter sido subjugado pela

astucia e pelas armas de Castella, e estar já muito amesquinhada a sua passada grandeza, ainda então, dizemos, era grande na Asia! Ainda ao Tejo acudiam as frotas e riquezas do Oriente, como a natural emporio. Ainda então não devassavam as praias orientaes as caravellas hollandezas, inglezas nem francezas, que só depois de apresadas á traição algumas naus portuguezas, e com ellas as cartas de marear e as derrotas de nossas navegações, e de comprados a peso de oiro alguns pilotos portuguezes, traidores á sua patria, e com elles o segredo da nossa arte de navegar, poderam dirigir as suas clandestinas viagens ao Oriente, e barafustar os mares e as terras da nossa conquista. Ainda então, repetimos, se não tinham levantado as mis[illegible] pretenções de italianos, hollandezes, inglezes e francezes á primazia da navegação nas costas da Africa occidental, e de outros descobrimentos portuguezes, continuados por mais de cem annos á custa do sangue e do oiro portuguez, auxiliado apenas por alguns aventureiros de outras nações, sob a direcção de portuguezes; nem a historia politica e religiosa das façanhas de nossos paes na Africa, Asia e America estava inçada de mil calumnias, falsidades e fabulosas invenções, adrede trazidas a terreiro para deprimir e quasi anniquilar, se fôra possivel, a gloria sem par nos annaes da humanidade d'esta nação, á qual a geographia, a nautica, a historia, a civilisação e o catholicismo devem tão assignalados serviços, que podem competir com os de todas as nações, que, succedendo-nos na dominação de além-mar, se engrandeceram com os despojos tão disputados do velho Portugal!

Mas os herdeiros d'aquelles que souberam ganhar o Oriente, e não cederam o campo a seus contrarios senão depois de muito lidar, e de lhes fazer pagar bem cara a sua conquista, vendo que as armas não prestavam já para recuperar a posse perdida, souberam empunhar a penna para reivindicar o direito do primado da nossa navegação, tão desprimorosamente combatido até por uma nação demasiado rica de glorias para poder merecer alguma desculpa, por ter descido á baixeza de querer, com invenções insustentaveis, roubar-nos a mais sagrada herança de Portugal. [1] E como a injustiça era inaudita, e tendia a nada menos que a destruir a historia escorada com padrões indestructiveis e não perecedoiros, vimos combater a nosso lado uma pleiada generosa de sabios estrangeiros. Citaremos entre outros Laffiteau, Wolkenaer, Malte-Brun e Humboldt, a quem a geographia e a historia devem muito, não menos que Portugal.

Laffiteau, jesuita francez, na excellente *Historia dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes no novo mundo* [2], diz na prefação do tomo I o seguinte:

«Ainda que a nação portugueza desde a sua origem se sustentou por muitos seculos gloriosamente, comtudo não ha nada que a torne mais recommendavel, como o que ella obrou n'estes ultimos tempos com os seus descobrimentos e conquistas no novo mundo. Ha nada mais grandioso como ter levado a nossa religião até os confins do mundo, e ter dado occasião a infinitas nações, sepultadas nas trevas do mahometismo ou da idolatria, de abrirem os olhos á luz? Ha nada mais excellente que ter trazido a todos os povos da Europa a facilidade do commercio de que hoje gozam, franqueando-lhes um caminho até então desconhecido, para accumularem as riquezas e os thesouros dos mais remotos paizes?

[1] Veja-se José Accursio das Neves nas *Considerações politicas e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos portuguezes.* — S. Luiz, *Indice Chronologico.* — Visconde de Santarem, *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d'Africa occidental.* — *Memorias da Academia Real das Sciencias*, etc.

[2] *Histoire des découvertes et conquêtes des portugais dans le nouveau monde, par Joseph François Laffitau*, 4 vol. Paris 1733. Publicou-se em Lisboa uma traducção d'esta obra em 1843.

«Por pouco que nos commovam estas grandes vantagens, devemos confessar que o nosso reconhecimento lhes é devido, por nol-as terem procurado, muito mais se attendermos que são o fructo de quasi duzentos annos de immensos trabalhos e fadigas. Por todo este longo periodo, vemos esta nação n'uma não interrompida e sempre interessante serie de factos, vencer os mais insuperaveis obstaculos com provada paciencia e coragem; pôr em scena homens grandes em todos os ramos; ganhar o prestigio onde quer que se encontram, apesar da sua pouca população; estabelecer a sua reputação e o seu dominio sobre a ruina de tantos imperios, e forçar de alguma sorte a fortuna a favorecel-a sempre com prosperos successos.»

«Isto deve parecer tanto mais digno de admiração, se considerarmos que, sendo Portugal um reino pequeno e mettido em estreitos limites, não era de presumir que podesse achar em si mesmo tantos meios para tão vastas emprezas, abraçar tão grande extensão de paizes, acudir a tantos gastos, subjugar tantos povos diversos, e empregar tantos homens capazes de fazer que fossem bem succedidos, e com tanta gloria, os seus planos.»

O proprio barão d'Henrion, na sua *Historia geral das missões Catholicas*, apesar de tão cego pela França, sua patria, que chega a dizer que depois dos pontifices romanos são os reis de França os que mais favoreceram a propagação da fé, limitando-se comtudo a citar, entre tantos, *unicamente* Luiz XI e Luiz XIV, foi levado pela força irresistivel da verdade a dizer que *é preciso fazer justiça á Hespanha e a Portugal, confessando que só estas duas nações deram maior numero de obreiros evangelicos á conversão dos americanos, dos asiaticos, dos chins e dos japões, que todos os outros reinos christãos juntos.* [1]

No entretanto, quanto ao Japão, entre muitos escriptores, especialmente modernos, tem prevalecido a idêa de que a expulsão dos missionarios portuguezes d'aquelle paiz, e por consequencia a extincção do christianismo entre aquelles povos, foi devida á ambição, cobiça e orgulho dos mesmos missionarios. É esta uma das mais atrozes e manifestas calumnias que se hão proferido de telhas abaixo, a qual aquelles escriptores cega ou ambiciosamente beberam nas fontes impuras dos historiadores protestantes hollandezes e inglezes. N'este mesmo semanario se reproduziu em 1858 um artigo intitulado — O Japão — [2] que foi extrahido do *Musée Universel*, assim como outro similhante saíu no *Diario do Governo* ha dois ou tres annos, tirado do jornal francez *La Patrie*, em que á nossa patria e aos nossos missionarios se repetiu, aqui mesmo nas nossas faces, tão grosseira como insolente e calumniosa censura. Reservâmos a contestação facil d'este erro ou calumnia acintosa para quando o fio da historia da missão do Japão, que talvez iremos tecendo, nol-a trouxerem a talho, sendo já tempo de voltarmos ás saudosas recordações da catholica Embaixada Japoneza do seculo XVI que deixámos apenas aproada ás margens do Tejo. Dizemos *catholica* em opposição a essa outra que agora ahi vemos de novo, cujo fim não tem nada de religioso, mas é todo politico e profano, segundo o espirito d'este seculo, e que além d'isso veiu provar á Europa e ao mundo, que os antigos missionarios portuguezes ainda até hoje, com dor e tristeza o dizemos, ainda até hoje, depois de mais de duzentos annos, não tiveram successores no Japão, ou se os tiveram acharam a terra sáfara e bravia, com vergonha indelevel dos protestantes hollandezes e inglezes que a esterilisaram, e fizeram de todo baldia para a semente evangelica.

Antes porém de proseguir, pede a novidade da ma-

[1] *Histoire générale des missions catholiques*, t. I no *Avertissement*, e t. II pag. 217.

[2] Tomo II n. 16 pag. 123.

teria que dêmos razão das fontes em que tomámos as noticias com que iremos como que dessedentando a curiosidade dos leitores. São estas principalmente as seguintes obras que jazem no pó da bibliotheca Nacional, e nos pareceu dever sacudir para mostrar n'esta conjunctura á presente geração os assignalados feitos de nossos maiores, e com quanto fervor e zelo se houveram na propagação da fé entre os mais remotos povos da terra, e em illustrar o nome portuguez n'uma edade que hoje por ahi alcunham de barbara e obscura, mas que ainda agora enche de ufania os filhos de Portugal, e recreia o animo de quem ainda ama este abençoado torrão, hoje tão sáfaro, e tão pobre de gloriosos feitos, e cujo nome tão vilipendiado anda de boca em boca, por culpa nossa, por essas nações que desfructam em todas as cinco partes do mundo quasi toda a herança do velho Portugal, e parece que estão lançando turvamente os olhos para colherem a lanço a occasião de lhe arrebatar os restos da sua antiga grandeza.

São essas obras pois as seguintes:

De missione Legatorum Japonensium ad Romanam Curiam, rebusque in Europa ac toto itinere animadversis, Dialogus ex Ephemeride ipsorum legatorum collectus, et in sermonem latinum versus ab Eduardo de Sande Sacerdote Societatis Jesu, et in Macaensi portu cinis regni in domo Societatis Jesu cum facultati ordinarii et superiorum, anno 1590. E em portuguez resa d'este modo:

Da Embaixada Japoneza á Curia Romana, e das coisas observadas na Europa e em toda a viagem, Dialogo colligido do Diario da mesma Embaixada e vertido na lingua latina pelo P. Duarte de Sande, da Companhia de Jesus, impresso em Macau no imperio da China na casa dos jesuitas, com licença do ordinario e dos superiores, em 1590. Tem no frontispicio uma boa vinheta esta obra, hoje rarissima, muito curiosa e honorifica para Portugal, e para os jesuitas, incançaveis companheiros dos portuguezes na Asia, na Africa e na America, e muito zelozos pregoeiros da fé entre o gentio d'aquellas partes, fautores e propagadores das glorias de Portugal, e do nome portuguez. Está dividida em 34 dialogos, e impressa em papel chinez.

Il gran viaggio et ambasciata dei re et principi del Giappone che sono venuti a visitar i luoghi santi e a prometter obedienza al Papa a 23 di marzo del MDLXXXV etc. *In Turino*. 1586. A grande viagem e embaixada dos reis e principes do Japão que vieram visitar os Santos Logares de Roma, e prometter obediencia ao Papa em 23 de março de 1585.

É obra muito mais resumida que a anterior, e que quasi se limita a descrever o que passaram os embaixadores japonezes em Roma, dando por inteiro as cartas dos principes do Japão ao Papa, a oração que o seu interprete por elles recitou no Consistorio, e a resposta do pontifice (documentos que faltam na antecedente obra), e o mais que lhes aconteceu na sua passagem pela Toscana e Veneza. Esta obra não tem o nome do auctor.

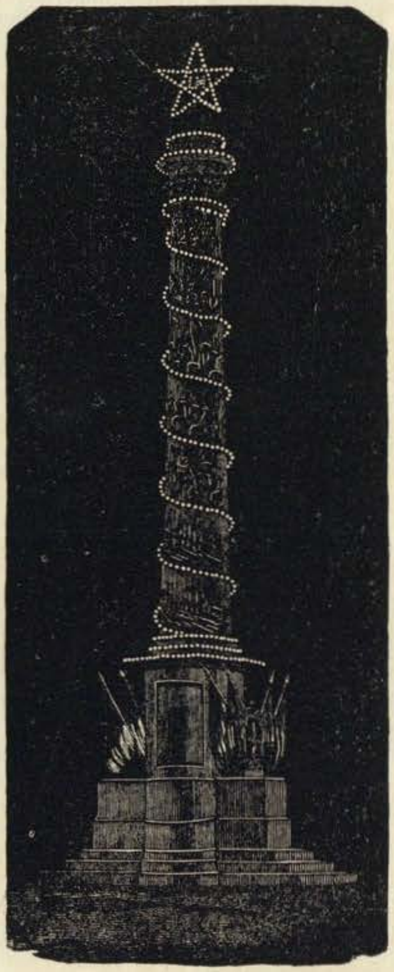
Historia da vida do P. Francisco Xavier, e do que fizeram na India os religiosos da Companhia de Jesus, pelo P. João de Lucena.

Histoire générale des Missions Catholiques depuis le XIII *siècle jusqu'à nos jours par le Baron d'Henrion*. 4 vol. Paris 1846.

Moroni—*Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica*. Muitas outras obras portuguezas e estrangeiras sobre as nossas missões poderamos ter consultado, mas limitámo-nos a estas porque não era nosso intento escrever aqui a historia da egreja do Japão, fundada e alimentada pelos portuguezes, e extincta pela perfidia, inveja e ambição dos protestantes hollandezes e inglezes, cujo odio ao catholicismo e esforços para o extirpar, andavam de parelhas com o proposito firme de acabar o nosso poderio, e o nosso prestigio fóra da Europa.

(Continua) A. J. F.

COLUMNA DA PRAÇA DE D. PEDRO



Columna levantada na praça de D. Pedro, vista de noite

Sobre o pedestal destinado para o monumento de D. Pedro IV se elevou uma columna como a de Trajano, de 9 metros de altura, incluindo o capitel, pintada côr de bronze, tendo desenhados a oiro os coches e mais estado com que Suas Magestades se foram receber á egreja de S. Domingos. Este desenho é em espiral, volteando toda a columna, acompanhado de fieiras de bicos de gaz, para se illuminar com 600 luzes. A columna remata por uma grande estrella, tambem para se illuminar a gaz, tendo no centro a cifra dos regios noivos em letras de fogo. Nos angulos do pedestal tem quatro fogareos bronzeados.

O effeito d'esta columna illuminada era esplendido, augmentado com o da illuminação do theatro de D. Maria II, que estava não menos radiante. Entre as columnas do frontão estavam figuradas tres grandes rosas de bicos de gaz, tendo a do meio a cifra real com a coroa sobreposta. Os quatro candelabros da fachada do theatro estavam transformados em arvores de bicos de gaz, o que tudo junto arrojava torrentes de luz sobre a praça, toda embandeirada com os pavilhões portuguezes e italianos, fluctuando sobre alterosos mastros engrinaldados.

Convém advertir, que por conta do municipio só se fez o ornamento e illuminação da praça do Commercio e da praça de D. Pedro. Todos os outros arcos e illuminações da cidade, se fizeram á custa de corporações e pessoas particulares. Os monumentos, embandeiramento e luzes que tão pomposo aspecto de gala e jubilo deram a Lisboa, tanto de dia como de noite, foram testimunhos espontaneos da homenagem com que os habitantes da capital receberam a augusta esposa que o joven soberano elegêra, com tanto applauso da nação.

A camara municipal limitou-se ao que estrictamente lhe cumpria fazer, segundo os estilos da cidade, em attenção a seus poucos recursos pecuniarios; ainda assim, consta-nos dispendêra perto de vinte e cinco contos de réis.